

## reportagem cultural

Escritor e  
médico-veterinário

Rafael Glória, especial para o JC \*

Nascido no dia 21 de julho de 1940 em Pelotas, Alcy Cheuiche mudou-se antes dos cinco anos para Alegrete. “Lá eu encontrei algo que moldou muito a minha vida: a paixão pelo campo. Aprendi a montar cavalo quando eu tinha cinco anos”, diz. Seu pai era o general Alcy Vargas Cheuiche, e a mãe se chamava Zilah Maria da Silva Tavares. O pai também era médico-veterinário, além de ser ótimo contador de histórias, duas características que influenciaram muito na vida do filho.

Outra referência na infância foi o escritor Monteiro Lobato. “Quando ele morreu, eu senti como se fosse uma pessoa da família. A sua leitura realmente teve um grande impacto. E eu continuei relendo as obras dele até hoje”, diz. Daquele período ele recorda também do colégio Oswaldo Aranha. “Eu só tenho a agradecer, porque fiz toda minha trajetória estudantil nesse lugar, e era um ensino de alto padrão, tanto é que eu cheguei aqui, passei direto no vestibular da Ufrgs”, diz.

Aos 18 anos ingressou na Faculdade de Veterinária da instituição, onde ficou em primeiro lugar quando se formou. Isto o levou a conseguir uma bolsa de estudos para fazer o mestrado na França, em 1965, com 25 anos. É quando volta ao Brasil que publica seu primeiro livro, começando pela

poesia, o *Versos do Extremo Sul*. “Quando eu cheguei em Porto Alegre, eu tinha uma saudade de voltar para o campo, e muitos dos versos falam sobre isso”, explica. Um tempo depois foi para a Alemanha para o doutorado. Durante sua temporada na Europa, manteve uma coluna semanal de crônicas no jornal *Correio do Povo* intitulada *Cartas de Paris*.

Foi na Alemanha que Cheuiche começou a escrever o famoso livro *O Gato e a Revolução*, e também foi onde decidiu que seria escritor. Ele conta que sua casa era um ponto de encontro de diferentes estudantes estrangeiros que estavam no país. “Eu chamava minha casa de Torre de Babel”, recorda, lembrando que a língua escolhida para todos se entenderem era o alemão.

Ele lembra que uma das confraternizações se transformou em um debate acalorado sobre golpes de Estado na América Latina. Os latino-americanos presentes apontaram para os efeitos do colonialismo europeu como uma das raízes das instabilidades políticas. “O estado de injustiça social leva a que nós podemos fazer revolução por qualquer coisa, até por causa de um gato”, comentou Cheuiche. Naquela noite, ele não conseguiu dormir. Pegou papel e caneta e escreveu o primeiro capítulo do que viria a ser o livro *O Gato e a Revolução*. Na sequência vieram o segundo e o terceiro. “Cheguei

à conclusão de que o que eu queria na minha vida era ser escritor”, disse.

A decisão não foi fácil. Aos 26 anos, com carreira acadêmica em andamento, ele enfrentou o dilema. Após o que chama de uma de suas raras ‘reuniões consigo mesmo’, decidiu pedir demissão ao orientador na Alemanha. O professor não queria aceitar sua saída, mas a escolha estava tomada. “Eu quero ser escritor. Então vou trabalhar como veterinário para pagar as contas do escritor”, explicou.

Com o tempo, Alcy conseguiu se dedicar cada vez mais à literatura. Principalmente após a criação da revista científica e cultural *A Hora Veterinária*. A experiência editorial aconteceu em convênio com uma publicação francesa. “A revista não se limitava ao campo veterinário – além da clínica e da cirurgia, também tratava de meio ambiente e ecologia”, diz.

A publicação ajudou a garantir a estabilidade necessária para que ele pudesse se dedicar à literatura. Esse equilíbrio foi fundamental para sua trajetória. Em 2006, ao ser homenageado como patrono da Feira do Livro, fez questão de reconhecer publicamente. “Agradei à medicina veterinária por ter me ajudado a chegar ali. Não cheguei como veterinário, cheguei como escritor, mas a minha atuação na área foi fundamental”, diz.



Alcy Cheuiche estava fazendo doutorado na Alemanha quando decidiu que dedicaria sua vida à atividade literária



Alcy Cheuiche e Leonid Streliaev durante lançamento de livro nas Missões

## Amizade com Sergio Faraco

A amizade entre Alcy Cheuiche e Sergio Faraco tem 80 anos. Os dois foram colegas no colégio, desde o jardim da infância, em Alegrete. Outra coincidência é o aniversário: Cheuiche é quatro dias mais velho, de 21 de julho, enquanto Faraco nasceu no dia 25 de julho. “E como é que a gente ia pensar lá pequeninho que os dois iam ser escritores, não é?”, ri Alcy.

Faraco lembra quando ambos tinham cinco anos e a empregada da casa de seus pais os levava para o Jardim da Infância. “Nós caminhávamos à frente dela, de mãos dadas. Fomos colegas no então Curso Primário e no Ginásio. Seguimos nos encontrando no curso de nossas vidas até que ele foi para Paris e eu para Moscou, mas nos correspondíamos”, diz.

Durante o início da ditadura no Brasil, Cheuiche esta-

va na França e recebeu uma carta de Faraco, que estava estudando na então União Soviética. “Meu contato com a família foi totalmente interrompido, e então Alcy teve a grandeza de servir de intermediário. Ele recebia em Paris as cartas que eu enviava de Moscou, trocava os envelopes e as remetia para Alegrete, fazendo o mesmo quando as cartas vinham do Brasil”, explica Faraco. Na volta para o Brasil, Alcy foi preso, acusado de ajudar um comunista a mandar correspondências para o Brasil. “Os caras ainda dizem que não houve ditadura. É muito fácil”, afirma Cheuiche.

A amizade segue fortalecida ao longo dos anos. “Somos muito parecidos, era inevitável que eu também me tornasse um escritor. Prezo muito essa amizade que nunca se apequenou e tenho orgulho dela”, conclui Faraco.